



C. M. L.
GABINETE
DE F. J. J. DOS
OLISIPONENSES

ENÉAS SALVANDO ANCHISES

Quadro de Dominiquino

A estampa, a que se referem as linhas que vamos traçar, é copia de um dos mais bellos quadros do celebre pintor Dominico Zampieri, conhecido no mundo artistico pelo nome de Dominiquino. Este pintor, discipulo dos Carraches, floresceu nos principios do seculo XVII. Nasceu em Bolonha em 1581, morreu em Napoles em 1641.

Attribue-se a morte de Dominiquino (e com seus visos de probabilidade) a veneno ministrado pelos seus collegas. Não deixa de ser curiosa a tradição que se refere a este acontecimento, por isso a contaremos rapidamente.

Assolára uma peste assustadora a cidade de Napoles, e os Napolitanos, que já se viam assoberbados com o Vesuvio e com os hespanhoes que os dominavam, tendo ainda, para cumulo de desventuras, a visita da peste, andavam immersos em profunda tristeza, quando se lembraram de metter empenhos com Deos Nosso Senhor, para que elle por sua infinita misericordia, os livrasse do flagello. Fez-se portanto o voto a S. Januario de se lhe construir a capella mais magnifica da Italia, depois da capella Sixtina, se a peste se fosse embora. Aceitou S. Januario o contracto; a peste foi espaiar-se magoas para outro sitio, e os Napolitanos trataram de cumprir a sua promessa.

Ora tinham elles jurado que o dinheiro necessario para a construcção sairia só de bolsas nacionaes. Regeitaram até a offerta de uma quantia consideravel, que a mulher do seu vice-rei lhes enviára, visto ser estrangeira a devota, accrescendo ainda o ser hespanhola, nome que principiava a soar mal aos ouvidos dos compatriotas de Masaniello.

Mas o que elles não juraram foi que a mencionada capella fosse pintada só por artistas napolitanos. Não o juraram os volantes, mas juraram-n'o os artistas, e declararam *urbi et orbi* que todo e qualquer artista de fóra de Napoles, que accitasse o convite que aos pintores da Italia dirigia a comissão, podia contar que receberia em paga uma boa estocada do Hespanholetto, ou de Laufranco, que manejavam o florete pelomenos tão bem como o pincel.

A ameaça era séria. Quem vê hoje passar pelo meio da rua o sr. Annunciação, ou o sr. Lupi com todas as apparencias de cidadãos pacificos, amigos de ordem, eleitores da sua freguesia, e respeitadores das leis policiaes não pode imaginar o que eram os artistas do seculo XVI e do seculo XVII. Era tudo gente de chapeo á banda, capa traçada e mão na ilharga, espadim a pular na bainha, nariz a procurar aventuras. Era gente da laia de Salvator Rosa, que foi amigo de Masaniello, e que fez parte de um corpo de *voluntarios da morte*, composto quasi todo de artistas, que usavam cartucheiras em vez de palheta, arcabuz em vez de pincel, e que desenhavam á ba'a nas cabeças dos hespanhoes, que tinham a desgraça de lhes servir

de tela. Já vêem pois que a ameaça dos pintores napolitanos devia inspirar sérias reflexões aos outros artistas da peninsula italiana.

Não se importaram com a ameaça alguns dos pintores, entre outros Guido que appareceu um bello dia em Napoles acompanhado por dois dos seus discipulos. Mas os ares logo se mostraram turvos, e Guido não teve remedio senão dar ás de Villa Diogo. Succedeu-lhe o cavalheiro de Arpino, que era espadachim, mas que se vio obrigado tambem a retirar, porque não era possivel estar em cima dos andaimes, de pincel n'uma das mãos e espada na outra. Veio apoz elle o nosso Dominiquino.

Esse era um velho. Os pintores napolitanos temeram o odioso que cairia sobre elles se o assassinassem ou á traição ou em combate, emfim se fizessem correr sangue. Optaram, segundo se diz, pelo veneno, e os precedentes, que mencionámos, authorisam-nos a suppor que esta opinião não será destituida de fundamento.

Assim morreu da idade de sessenta annos este notavel pintor, que não tem quasi rival na expressão das physionomias, ainda que o colorido esteja longe de ser primoroso. Na gravura, que orna este numero do *Panorama*, podem os leitores ver a justiça do elogio que lhe fazemos.

O assumpto do quadro é conhecidissimo. É o episodio da *Eneida*, em que o pio heroe foge de Troia levando ás costas seu pai Anchises, ao lado seu filho Ascanio, atraz sua mulher Creusa. Estão estes maganões todos a sair de casa na occasião que o pintor escolheu. Creusa entrega ao sogro uns bonequitos que parecem obra de capellista, mas que são nada menos do que os deuses penates, o pequeno insiste para que se ponham a andar, e Enéas, com o pai ás costas, volta os olhos saudosos para a sua habitação.

Devo confessar-lhes, aqui muito á puridade, que nunca me commoveu muito este episodio da *Eneida*. A idéa do velhote escarranchado nos hombros do filho de capacete sempre me transtornou o pathetico do lance, e não posso reler os versos do Mantuano, sem me lembrar do *Virgile travesti* de Scarron, em que o malicioso poeta nos pinta o pai Anchises aos pontapés ás costas de Enéas, chamando-lhe umas vezes «meu querido filho,» outras vezes cão e patifê, para o fazer andar mais depressa, e Creusa que se perdeu no caminho porque ficou a atar a liga da meia, e Ascanio que berra por pão com manteiga, e Enéas, que vindo bater á porta de casa para dizer que está o fogo na cidade, fica immenso tempo na rua, porque, segundo elle depois conta

On me cria par la fenetre
Que l'on n'ouvrait jamais la nuit
Et que je faisais trop de bruit.

Em todo o caso Dominiquino não podia adivinhar que, depois da sua morte, um francez travesso se havia de divertir á custa do seu assumpto, e foi pintando um quadro admiravel, de que dá uma boa idéa a gravura que apresentamos.

DO MOVIMENTO

Por A. OSORIO DE VASCONCELLOS

II

Quando a tradição piedosa poz na boca de Galileu Galilei o celebre *è pur si muove*, como resposta audaz da sciencia ás torvas perseguições do fanatismo, mal diriam os homens de então, que os discipulos do grande sabio italiano poderiam dizer passados tres seculos: *tudo se move na natureza*. Esta conclusão concisa, verdadeira, luminosa, é um corollario do pensamento profundamente phylosophico, que sempre dirigiu os trabalhos do sabio de Pisa.

Tudo se move na natureza, dizemos nós, os homens de hoje, sem nos lembrarmos que este aphorismo tão simples e tão singelo, custou seculos de observação e vigílias, noites e noites mal dormidas, dias de improbo labor, combates mal-feridos contra os preconceitos herdados, e hecatombes de victimas, que se finaram em prol da sciencia, interrogando a terra, cruzando-a em todos os sentidos, já nas regiões hyperboricas, já nos climas adustos.

Tudo se move, porque não ha vida sem movimento. Movem-se os mundos na amplidão, sulcando as ondas ethereas immensas, sem limites; movem-se as estrellas, nos confins da criação, tão dilatadas, tão longinquas, que a nossa imaginação estupefacta ao contemplar tanta grandeza, só pôde explical-a, acceitando o infinito real.

Movem-se os cometas, essas borboletas do ceu, essas nuvens vaprosas, que volitam com rapidez aterradora e gastam milhares de annos a descrever as suas orbitas.

A par do infinitamente grande, move-se o infinitamente pequeno.

O atomo, assim como o astro, gira perpetuamente.

Porque a vida é uma serie de movimentos que se combinam, cruzam-se e completam-se. A vida é a fluxão de Newton, é uma corrente continua em que as monadas se balançam e revolteam.

A acção que uma recebe, envia-a intacta e integra á que se lhe segue, e o atomo do phosphoro que se fixa no cerebro do homem, resulta de uma acção, de que o universo é participante.

Os movimentos, invisiveis ou atomicos nunca se equilibram na grande faina do mundo.

Dois movimentos, que se combinam, produzem sempre um terceiro movimento harmonico com os primeiros, e como elles necessarios ao fim comum.

O que Descartes dizia dos corpos é applicavel immediatamente aos atomos. «Para mim tenho, exclamava o grande phylosopho, que ha uma certa quantidade de movimento em toda a materia creada, que nunca augmenta nem diminue, e assim é que, quando um corpo obriga outro a mover-se, perde tanto movimento quanto é o que dá como acontece com uma pedra que se depois de cair sobre a terra, não volta para o ar, antes fica parada, parece-me que isto provem de que a pro-

pria terra é abalada, e lhe transfere assim todo o seu movimento.»

Estas palavras de Descartes, exprimem o que se passa em todo o universo.

Os movimentos, assim visiveis como invisiveis combinam-se mutuamente, mas não se perdem.

Da mesma sorte que a pedra abala a terra, o raio luminoso ou calorifico não pôde perder-se e acabar o seu effeito, para não mais se renovar. Cada acção tem o seu cyclo fatal e necessario, e o limite derradeiro e grandioso é a vida, que se perpetua no universo.

Por isso, se a vida está em toda a parte, e se não ha vida sem materia, o vacuo é impossivel e repugna como absurdo.

Assim acreditaram os antigos em a sua admiravel presciencia, assim julgamos nós e provamos pela explicação e permanencia de certos phenomenos.

O vacuo não existe. Aonde não ha materia palpavel, tangivel ha um fluido tenuissimo, vibratil, que escapa a todas observações, imagem viva dos gnomos sublis, verdadeiro sylpho da criação, porque penetra os mais intimos recessos dos corpos, enche os espaços interatomicos e interplanetarios. Esse fluido ou o que quer seja, cuja existencia foi adivinhada, é o ether, que alguns phylosophos julgam imponderavel, não se lembrando que o vacuo é absurdo, e *onde não ha pezo não ha materia*.

Porque o ether escapa á observação directa, não se conclue que não tenha pezo. Desde quando a experiencia pôde substituir o raciocinio em questões de phylosophia? Dado que o vacuo não pôde existir, o ether, que o enche, é materia, e portanto *peza*.

O ether é pois o vehiculo, o meio pelo qual os movimentos se transportam e combinam, da mesma sorte que o ar transporta os sons. As ondulações do ether são as vibrações do ar (1)

O que é a *força*? Se temos movimentos, e se estes são a vida, segue-se que aquella, a *força*, é a propria vida?

Eis-nos chegados ao mysterio da natureza. A força é a incognita, que ninguem pôde determinar. A força é tudo e é nada. Considerada como causa primaria do movimento, a força é a alma do universo, é a ligação providencial dos elementos, é o agente das transformações e metamorphoses, é o fautor d'esse camalião sublime, que se denomina *vida*. Tomada como entidade abstracta ou como idéa absoluta a força é o desconhecido, é o ponto de interrogação perante o qual todos estacam.

Mas a sciencia moderna, honra lhe seja, deixou ha muito essas definições e distincções subtis, que foram em tempos tristissimo apanagio da phylosophia natural.

Quando se ignora, o melhor meio de se forrar

(1) A propria camara barometrica, o espaço comprehendido entre a superficie da columna do mercurio e a extremidade fechada do tubo, transporta a gravidade, o magnetismo etc. e não transporta o som.

É porque existe ali ether a pezar do vacuo ser o mais perfeito de todos que é possivel obter.

às dificuldades, é confessar a ignorancia, e caminhar ávante.

Assim fez a sciencia não curando das causas primarias, que vinham a cada passo tolher o progresso e entibiar os artifices.

Acceito, como principio incontroverso que a materia se move, ou antes, que o movimento é uma propriedade inherente e essencial á materia, não era necessario recorrer a cada instante a uma causa exterior e desconhecida, a uma força, que explicasse e determinasse os phenomenos.

E tanto isto é assim, que os maiores geometras, que floresceram depois de Newton, Laplace, Lagrange, Plana, Poinsot, etc. até confundem de caso pensado o movimento com a força, e combinam uma com outra coisa, o que seria absurdo, se com effeito ésta fosse a causa d'aquelle.

Câbia principalmente á sciencia mostrar, não só que a materia estava em perpetuo movimento, senão que, e isto era o principal, um movimento qualquer, fracção da energia natural, podia gerar outro ou outros movimentos e com elles combinar-se por todos os modos.

Assim foi que Rumford, Mayer, Grove, Joule, e outros demonstraram evidentemente que o movimento das massas pôde converter-se em movimentos de atomos, isto é que o movimento de um corpo se transforma em calor, e este, parecendo aniquilado, surge outra vez, como Phenix, sob a forma de movimento. A acção do sculptor, que anima o marmore, é uma parcella da energia da natureza, é uma fracção de calor solar, que se transformou em movimento.

Pertencia e pertence ainda á sciencia posto que este problema esteja ainda no dominio das conjecturas; o mostrar que, se a materia pôde ser una e simples, a força, ou o movimento é também simples e uno, ou o que é o mesmo, que a quantidade de movimento inicial não augmenta nem diminue, não tem natureza diversa, apenas se transforma e metamorphoséa continuamente, incessantemente.

Assim com o sol é umas vezes centro de força impulsora e mantem os planetas, satellites e cometas nas suas orbitas, e outras vezes emana calor, luz, electricidade, magnetismo, e afinidade chimica, assim também nos seios da natureza ha uma faculdade, em virtude da qual todas estas manifestações da energia, aparentemente tão diversas, pôdem ser oriundas do mesmo centro, e transformarem-se mutuamente, segundo as circumstancias.

Quer isto dizer que a sciencia procura a unidade dos movimentos e a unidade das materias elementares pela sua correlação intima.

Em conclusão vê-se que a dynamica (2) determinou pela analyse e observação:

1.º Que ao axioma de Lavoisier de que a materia não se cria nem se perde, corresponde o axioma de que o movimento não se cria nem se perde.

2.º Que sendo a materia una, a força é una também.

(2) Sciencia das forças

Assentes estes principios, que vão aqui exarados com a possível clareza e brevidade; considerando o movimento assim nos corpos como nos corpusculos digamos alguma coisa á cerca d'elles e da vida do cosmos, antes de fallar da vida physiologica, como nós a comprehendemos mais facilmente.

A GRAVURA EM MADEIRA EM PORTUGAL

Por NOGUEIRA DA SILVA.

II

Em seguida ao *Panorama* veio a *Illustração*.

O pensamento inicial d'esta nova publicação illustrada era, creio eu, radicar a arte nacional e alargar-lhe a esphera até ás vastas proporções dos jornaes estrangeiros do mesmo titulo.

Para realizar este milagre deram-se as mãos, lapis, penna, e buril, suppondo cada um que em qualquer dos outros existia o santo. Mas, infelizmente, em todos faltava a graça. O estudo e o exercicio permanentes, sem os quaes não é dado ás bellas-artes convencer os incredulos e abrir o reino da gloria, tinham morrido á nascença. Não podia, por conseguinte, a cadea deixar de partir, querendo faze-la chegar forçadamente aos extremos de um caminho para que não tinha a sufficiente extensão. Não era possível que a vontade florisse faltando-lhe a seiva da acção.

Os artistas que deviam realizar tão precencioso ensaio eram ainda os mesmos do *Panorama*. A arte de gravura em madeira não havia, portanto, crescido, nem em aperfeiçãoamento nem em cultores; teria, pelo contrario, emmagrecido, porque dormia; e o somno é para as artes que dependem, como as da gravura, de uma execução aturada, o mesmo que o reumatismo é para a gente. Entorpece-as, impossibilitando-as, conseguintemente, de poderem entrar, de prompto, em vida activa.

Como, pois, attingir o fim com a doente tão debilitada por este duplo mal? Não parecia quasi certo o sinistro, empregando medecina tão forte e elevada?

Por outro lado, mais uma circumstancia, não menos desfavoravel, e dupla também, se apresentava a conspirar. Era o numero maior e grandessa superior das estampas que requeria uma publicação de vastas dimensões com o titulo exigente de *Illustração*, em nenhum país authorisada pela pobreza numerica e artistica de desenhos e gravuras. Mas este obstaculo, para mim, o inimigo gigantesco da empreza, foi o que ninguem vio, nem editores, nem redacção, nem artistas.

A uns vendava-lhes os olhos o desconhecimento involuntario de uma serie de cousas d'arte, que as proprias intelligencias não sentem, e mesmo não comprehendem, em as nações onde falta a educação e o habito de ver e apreciar as obras maravilhosas das bellas-artes. A outros cegava-os o amor proprio, dizendo-lhes que tudo poderiam fazer.

Ninguem se lembrou que uma *Illustração* era já fim, e não meio; que era o resultado do desenvolvimento quasi completo do desenho e da gravura em madeira, e não estudo; que era academia de

mestres, e não escola de discipulos; que era profissão, e não tyrocínio. Todos disseram «sim», e principiaram logo a fazer o trabalho que melhor mostrava que deveriam ter dito «não»; porque um desenhador e um gravador não podiam dar em uma semana a obra que, por ser mais multiplicada e exigir successivo aperfeçoamento, carecia, para tão limitado numero de artistas, de dois mezes pelo menos.

Certo foi, portanto, affogarem-se os estímulos do capricho n'este lago de difficuldades, e cada um tratava de salvar-se como podia. Desenhou-se e gravou-se aos trambulhões. Bordalo remetia os desenhos apenas alinhavados para a mão de Coelho, e este, mau grado seu, de tal modo se via obrigado a aguilhoa-los com os seus buris, para os dar esgaravados a tempo, que de todo os descósia.

Illustração com tal arte não podia agradar. Os assignantes recebiam-a mal, e, assegurando a robustez de seus peitos, principiavam a declarar que não careciam de emplastos, remetendo,

em troca, pelo distribuidor, algumas pilulas para os editores. Estes, achando-as amargas de mais, sentiram a necessidade de acabar com o jornal ou de o reformar. Pensou-se em crear discipulos; mas estes não se decretavam em bellas-artes. Além disso o presente corria instavel, e o futuro não sorria. Para mais ajuda o publico não estava, como ainda hoje não está uma grande parte d'elle, intelligentemente preparado para jornaes illustrados. Conspirava tudo. Em o seu irrevogavel programma, tinha o destino decidido que Bordalo Pinheiro, e Baptista Coelho, fossem os primeiros martyres dos grandes esforços, em que ninguem lhes podia já ofuscar a realeza de heroes. O impulso que havia de fazer sair de tão acanhada orbita a arte de gravura em madeira estava longe, e o jornal, que não podia esperar, morreu de paralytia artistica, deixando, apenas, como o *Panorama*, para não mentir ao seu estatuto litterario, um nome illustre nos annacs das nossas publicações amenas.

(Continua.)



ALCATRÃO

Dá-se o nome de *Alcatrão* a certos productos empyreumaticos, que procedem da distillação de materias vegetaes ou do carvão de pedra.

O *Alcatrão ordinario*, chamado muitas vezes *Alcatrão vegetal* para se distinguir do *Alcatrão*

de carvão de pedra ou *coaltar* dos Inglezes, é uma substancia resinosa, espessa, molle, negra, amarga e de um cheiro forte e empyreumatico, que se obtem do pinho em ignição; é um mixto de resinas pyrogénicas combinadas com o acido acetico, carvão e oleo essencial empyreumatico; emprega-se na industria para preservar as madeiras da de-

composição e usa-se d'elle tambem na medecina e na veterinaria, contra as doenças de pelle, catharros chronicos, tísica pulmonar, etc. No estado solido, consequencia da evaporação de uma grande parte dos principios liquidos, chama-se *Pez*. O alcatrão da Russia e da Noruega é o mais estimado; depois o dos Estados-Unidos, Bordeus, Strasburgo, Provença, etc.

O processo para extrair o alcatrão vegetal, é muito simples. (Vede a gravura). Escolhe-se um sitio favoravel no declive de uma montanha, junto ao bosque, do qual se hade cortar a madeira, e proximo de um lago ou riacho. Bate-se bem um taboleiro de terreno para cada forno, sustentando a terra na frente com fortes paliçadas de madeira. Os fornos são covas abertas no chão, de forma conica, tendo as paredes forradas de argila bem batida. No fundo pratica-se uma caldeira na qual ha um cano ou bica, que sae fóra da paliçada. A madeira depois de secca, reduz-se a cavacos, melte-se em uma especie de dorna, que se adapta justamente ao forno, e que descendo a este é coberta de terra argilosa, mui batida, para evitar a fuga das partes volateis, ficando apenas um pequeno orificio para a saída do fumo. Retira-se em seguida o madeiro em forma de cruz que está no centro da dorna, e no buraco que elle deixa introduz-se o fogo. A madeira vai-se lentamente queimando, sem fazer chamma, e a resina caindo na caldeira, donde passa então, pela bica, para os barris, que depois de cheios são batocados convenientemente. A nossa estampa explica bem todo o processo e mostra todos os instrumentos precisos para este fabrico.

O *Alcatrão mineral*, ou *Alcatrão de carvão de pedra* é um dos residuos do fabrico do gaz de iluminação. A sua composição é excessivamente variavel. Calvert achou-o composto, ora quasi exclusivamente de *Naphtalina*, ora de *Paraffina*, outras vezes de *Benzina*, *Acido phenico* e de diversos *carburetos* de hydrogenio. Submettido á distillação moderada, o alcatrão de carvão de pedra, produz, sucessivamente, agua, ammoniaco, carburetos leves de hydrogenio, e depois carburetos mais pesados. Os primeiros servem para a iluminação, os segundos applicam-se á dissolução do mixto do caoutchouc e gomma laca, conhecido pelo nome de *Visco*. Estes oleos distillados servem tambem para a preparação do *acido picrico*. O residuo da distillação do alcatrão ou *breu*, dissolvido em oleo, forma com as ocres uma tinta propria para conservar as madeiras, metaes, etc.

O decoro e primor com que as damas se tratam n'este reino, principalmente as que assistem no Paço, parece que em certo modo conserva aquella preeminencia, que os Egypcios lhe deram, que com o exemplo do bom governo d'Isis reinavam as mulheres, porque em presença e ausencia os cortezaos as nomeiam por senhoras, se lhes descobrem e ajoelham como a deusas, lhes fazem festas, jogos, justas e torneios como a deidades, es-

tão pendurados de seus favores e respostas como de oraculos; as acompanham como a coisas sagradas; se vestem, ornem, e enfeitam pelas agradar; se desvelam pelas servir; se apuram para as merecer, no esforço, na gentileza, na galantaria, no dito discreto, no escripto avisado, no mote galante, na endeixa subtil, no soneto conceituoso; por ellas se ensaiam para o sarão, no dançar, no fallar, no acompanhar, e no offerecer; por ellas se aprestam nas occasiões de jornadas, de criados, e librés, galas e ginetes; por ellas continuam o passeio á vista das janellas, atravessam as salas á sua conta, e rodeiam o terreiro do Paço mil vezes por seu gosto; por ellas se offerecem a todo o perigo; porque qual he que um servidor de damas não ache facil por amor d'ellas? que palavras diz? que extremos receia? que esquivanças não soffre? que riquezas estima? que quimeras não finge? que occasiões não busca? vela de noite, não descança de dia, não se entristece com a pena, não desconfia com o desengano, não faz conta de agravos, nem estima desprezos, não cura de vinganças, e emfim tudo é veneração e humildade com que as engrandece.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

A GALATÉA MODERNA

Por A. OZORIO DE VASCONCELLOS

III

Alfredo de Mello a Antonio Alvares

Meu caro amigo.—Correu um mez, e este lapso de tempo, que é um zero na ampulheta do universo, influuiu immenso na minha vida.

Vou contar-te tudo sem rebuço e com fidelidade.

Arrastado pela frieza marmorea de Violante, cuidava pressentir um vulcão coberto de gelo. A principio sorria-me a idéa de mostrar á bella aldeã que pouco me importava a sua isenção, que entre ella vinha eu armado de Lisboa com o meu scepticismo.... que já agora me está parecendo pos-tiço. Eu que tantas vezes havia clamado contra os enganos do coração mal podia arreceiar-me d'elles, em uma aldeia perdida nas campinas do Minho.

Foi-se porém amortecendo a pouco e pouco a minha confiança e comecei a temer alguma fraqueza indigna dos meus brios de D. Juan. Bem sabes que uma das doenças moraes do seculo é este dualismo artificial entre o coração e a educação. Byron e Espronceda deixaram uma escola, que ainda hoje nos governa e attribula.

Todos queremos confessar-nos superiores ao amor, e dahi essa pugna travada, que mal nos deixa gosar a mocidade, colher os seus fructos, cultivar as suas flores.

Eu mesmo que sou tão amante dos velhos tempos romanescos não aceitara o papel de trovador, que suspira pela sua bella e almeja conquistar-lhe o alvedrio.

Por isso, com sentir-me arrastado para Violante,

tomava-a apenas como um problema, e mal cuidava que a solução d'elle poderia ainda importar o meu futuro.

Chegado aqui, estou a ver-te amarrotar esta carta com violencia, bradando incendiado em raiva:

—Bem te dizia eu, pobre Alfredo, desventurado amigo. Ninguém foge ao seu destino, e o teu sempre foi gèmer afflicto aos pés de uma serêa. Cuidavas, que podias lutar com a sorte, e caíste em misero engano. Amar! Pois haverá ainda alguém que se deixe levar d'este sonho enganoso! Pois a innocencia arcadica poderá chegar ainda a tanto! Amar é arder, é requeimar o coração em chamma devastadora. Ninguém pense que esse fogo não queima. A vestal que o guarda e o mantém acceso, manchou ha muito a tunica enconsutil no bosque sagrado. Ó mísero Alfredo! Porque te foste prender? Porque não fugiste? Assim esqueceste os meus conselhos? Ignoravas acaso que braços de mulher são liames, que nos enredam e precipitam no abismo undoso, contra o qual não ha lutar?

—Devagar! devagar! respondo eu. Pintas o quadro tão negro, meu velho amigo, que vou lançar luz nas nuvens, que encastellas no meu firmamento. Ouve e socega. Eu não amo ainda, e tenho pena.

Vai-se-me extinguindo a mocidade, como flor que emmurchece com o calor do sol.

A idade viril, como é de uso chamar ao primeiro alvor de decadencia, vem assomando carregada de desenganos. Que refrigerio tenho eu contra elles? Que fogo para derreter os gelos, que se amontoam? Aonde buscar alentos para os tormentos da vida? Aonde, senão em um peito adorado, em um seio de virgem, nessa pyra, cujo fumo é incenso sacratissimo? Não escarneças. A minha doença, a doença de nós todos está na *materialisação* do amor. Amor sensual, exhaure; amor espiritual, alenta. Sansão deixa que Dalila lhe corte os cabellos, e rende-se; Hercules lança aos pés de Omphale a pelle do leão da Nemêa; mas Anteu cobra novas forças quando abraça a terra, e Amadiz obra prodigios e gentilezas.

Se eu portanto lançar para longe o materialismo, que herdei do século, poderei ser feliz. Se não, que importa?

Deixa-me porém voltar ao fio da minha narrativa, se porventura as minhas phylosophias não te cansam o espirito.

Firme no meu scepticismo e julgando-me um Achilles invulneravel—comecei a dirigir a minha tactica, com a perfidia de um conquistador, que por satisfazer um capricho, não se arreceia de macular o tecto hospitaleiro e preparar um futuro de lagrimas a uma donzella virtuosa, que vive uma vida tão santa e clausural na provincia. Assim nos fez este século!

Durante este tiroteio não poupava nenhuma das artimanhas, que é uso empregar, e que aqui podiam ainda *fazer effeito*. Não penses que me constitui um Lovelace ridiculo.

Outro e mais alto era o meu fim, porque queria interrogar aquelle coração.

Assim correram os primeiros dias e devo confessar-te que tudo foi baldado.

A mesma frieza, sempre a mesma indifferença. Um sorriso de desdem, um olhar glacial e limpido, e nada mais. E não sei porque cada vez me sentia mais subjugado e vencido.

A noite, junto ao fogão, quando começavamos a rememorar as melhores paginas dos primeiros escriptores, em que elles como que haviam deixado uma parte de sua alma, Violante conservava-se impassivel, rosto erecto, sem uma sombra de sentimento, sem uma scintilla nos olhos, sem um gesto de enthusiasmo, e quantas vezes, depois de me haver deixado librar nas azas da imaginação ás espheras altissimas do affecto puro e immaculado, não me precipitava ella e me deixava aturdido, absorto, estúpido, lembrando-se derepente de uma minucia caseira, das horas do chá, da lenha para o fogão? N'esses momentos crescia-me uma raiva concentrada; quizera abrir-lhe o peito e ver latejar-lhe o coração nas minhas mãos ensanguentadas. Outras vezes é ella quem me induz e arrasta e obriga a conversações intimas, em que a alma se alarga e expande e então ou sorri ou fica pensativa e suspira contemplando o brazido.

Assim continuavam os nossos serões, interrompidos ás vezes pelas narrativas do velho fidalgo, que muito se deleitava em contar as suas campanhas e os feitos de seus avós.

O tempo estava chuvoso e carrancudo.

A atmospheria nublára-se com a minha chegada; caíam os primeiros choviscos, que succedem ás chuvas torrencias do inverno e precedem o bafejar da primavera. Os campos alagados não permittiam caçadas, para que o meu hospedeiro me andava convidando todos os dias. São terriveis para um namorado estas clausuras forçadas frente a frente arca por arca com o objecto amado. É brincar com o fogo, que nos queima, é aguçar o cutello, que ha de decepar-nos.

E eu sinto-me cada vez mais prezo, sem poder desatar os laços, que me enleim. Não julgues que goso esses extasis sublimes do primeiro amor. Julgo-me velho para isso. Amofino-me, porque começara por um brinquedo, o qual se volta depois contra mim. Tal é o meu estado digno de lastima. Não a amo por ora, como usavam os trovadores, antes me rebello contra essa idea, que ainda ha poucos dias me fazia sorrir. Vejo porém que se aproxima a crise, para a qual não estou preparado. Se Violante não se apresentára tão diversa do que eu pensava, por formosa, que seja, não teria poder para me encantar. Mas levado pela curiosidade quiz estudal-a de perto, e afinal parece-me que virá a acontecer-me como a Plinio, que para estudar o vulcão, debruçou-se da cratera, e caiu na lava de fogo. Já me lembrei de fugir, mas fôra cobardia. Antes quero morrer no meu posto, como soldado fiel á bandeira. Teu verdadeiro amigo — ALFREDO DE MELLO.

A prudencia junta ao valor triumphá dos maiores obstaculos.

BEATRIZ

Escusado é dizer quem murmurava
Este canto de amor; por mais virtude
Que o leitor tenha em si, eu perco tudo
Que é possível perder, se não é certo
Que já desconfiou de quem soltava
Estas palavras ternas e amorosas.
Fica, portanto; assente que a condessa,
A despeito de tudo amava Jacques.
O que mais succedeu depois do canto
Que acabamos de ouvir, é ponto serio
Que não ousou tocar; demais a noite
Era escura e sombria, e os dois amantes
Vagavam no mais denso da espessura
De um copado jardim. Oh! quem podera
Ouvir quantos suspiros maviosos
O vento repetiu, quantos protestos
De infinita paixão soaram brandos
Entre os ramos em flor da lorangeira!—

Deixai, deixai viver quem ama e sente
Bater o coração ebrio de affecto;
Deixai colher as rosas, que despontam
Neste duro pragal, chamado a vida;
Deixai gosar, o goso é quanto resta
Ao que tem alma, e farto d'este mundo,
Inda pode sonhar com o paraíso!
Que importa o mais? Eu quero em minha fronte
Uma c'roa de lyrios, em meus braços
O meu anjo infantil, sobre os meus labios
Um beijo ardente e longo, e o mundo inteiro
Que desabe em redor: feliz e altivo
Hei de viver de amor entre as ruínas!—

XI

O certo é que a condessa amava Jacques,
E o conde nem de longe suspeitava
Esta infame paixão; verdade seja
Que a esposa encantadora já não tinha
O mesmo agrado e affecto como d'antes;
Mas, que eu saiba, ninguem se atreveria
Por mudança tão leve a ter vislumbre
De uma idea ruim. Passava o tempo,
As visitas de Jacques repetiam-se
Cada vez mais, os animos alheios
Iam sentindo já de vez em quando
Seus momentos de duvida; a má lingua
Começava a grassar na vizinhança.
Beatriz pensou, viu, bem que era impossivel
Viver assim, fingindo, atraçoando,
Mentindo a cada instante; era preciso
Remir-se, pelo menos, d'esse crime
Da traição desleal — que lhe restava?....
O que fazia alli?... pois não temia
Que, desfeita a illusão que inda enganava
O velho conde, subita procella
Desfechasse nos dois horridamente?....

Pensou, viu tudo, combinou mil casos,
Meditou largamente, e sempre ao cabo
D'essas cogitações, vinha-lhe à mente
Affastar-se d'alli, fugir, roubar-se
Aos affagos do esposo, e só com Jacques
Entre arrobos de amor passar a vida.
Esta idea, de certo, era a mais prompta
Que podia acudir a quem se visse
Na posição terrivel da condessa;
Sei que as coisas, levadas d'outro modo,
Podiam vir a dar n'um resultado
Muito melhor, talvez, e até mais proprio.
Mas a pobre mulher que só peccara
Cega de amor, que ouvia a consciencia
Condemna-la na voz de seu marido,
Inda tinha a loucura imperdoavel
De julgar, que, mostrar-se a todo o mundo
Tal qual era, decerto era mais digno

Do que fingir pureza, quando n'alma
A pustula da infamia ia lavrando!—

Assim foi; certo dia, a desgraçada,
Entre lagrimas tristes, disse a Jacques
Que era myster partir, irem sosinhos
Viver longe do mundo, não sentindo
O rumor da procella que já perto
Começava a rugir; elle, beijando-a
Na face desmaiada, disse apenas
Co' um sorriso de amor: — «Oh! sim, querida,
«É preciso partir, sou teu, és minha»
Pouco tempo depois ambos viviam
Na mais doce união, na paz mais doce
Que podemos sonhar; o ceo banhava-os
De luz e de prazer, e as brandas horas
Deslisavam serenas, como um rio
Entra o frescor e o cheiro das boninas.

O conde, o pobre conde retirara-se
Do bulicio do mundo; e alguém dizia
Que, pungido de magoa, ultimamente
Fora—coitado—recolher-se a Trappa,
E devorar no horror o fel da vida.
O certo é que partira; onde parava
Não posso já dizer, porem suspeito
Que a balela da Trappa é sem verdade.
Isto é fallar de mais; eu deveria
Conservar o mysterio até às ultimas,
Cobrir com um veo de nevoa as peripecias
Que tenho a relatar, baralhar tudo,
É assim ganhar terreno onde pudesse
Mostrar no desenlace os meus recursos.
Isto manda o bom siso, e os grandes mestres,
Que valem muito mais; mas eu não posso,
Seja dito afinal, não posso nunca
Prender-me em grande accção, aproveitar-lhe
Quanto ella tem, torcel-a e reviral-a
Em trato de polé; toco-a de leve,
Tomo apenas a flor, vou pela rama,
E acabo exausto e farto; estou no caso
Do bom de La Fontaine:—«As grandes obras
Nunca as pude tragar; tenho-lhes medol»—

Continua.

E. A. VIDAL.

PRISÃO DE AMOR

Traducção de um epigrama grego

Um dia, cortou ella um só cabelo
da longa e fina trança d'ouro bello,
e as duas mãos com elle me ligou.

Deixei ligal-as; e sorri-me, quando
vi facil o quebrar o laço brando,
com que a travessa minhas mãos atou.

Mas quando de tão fragil embaraço
me quiz livrar, achei que o brando laço
n'uma dura cadeia se tornou.

Vizeu, outubro de 65.

CANDIDO FIGUEIREDO.

Não é bastante o ser justo, é preciso ser benefi-
cente.

É o espirito que deve de ser a regra do nosso
procedimento e o guia das nossas accções.

SALLUSTIRO.

A virtude é a unica cousa que se não dá e que
se não recebe.

MARIUS